

ENTREVISTA COM THAIS JOI MARTINS: PARA UMA SOCIOLOGIA ECONÔMICA MAIS CRIATIVA

Maria Chaves Jardim¹; Luana di Pires²; Thaís Cristina Caetano de Souza³

DOI: <https://doi.org/10.32760/1984-1736/REDD/2019.v11i2.13826>

CONTEXTO DA ENTREVISTA

Thais Joi Martins é pesquisadora e professora adjunta da Universidade do Recôncavo Baiano (UFRB), e se encontra no momento na *Université de la Sorbonne* em Paris, França, em seu pós-doutoramento. Em função da distância, também provocada pela pandemia de Covid-19 ao redor do mundo, optamos por entrevista-la de forma virtual, via e-mail. A composição das perguntas e o recebimento de suas respostas se deu no período de 7 a 17 de junho de 2020.

Selecionamos a autora para essa entrevista, por sua formação em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, instituição que acolhe a revista REED. Além disso, a autora integra a nova geração de sociólogos da economia, tema desse dossiê, e é uma pesquisadora de grande relevância em sua área de trabalho, nos temas de estudos de Trajetórias Escolares (educação) e Trajetórias Profissionais (mercado de trabalho), abordados via sociologia econômica. Mais recentemente, Thais tem se dedicado a trazer para a sociologia econômica novas agendas, como o tema racial, praticamente inédito na sociologia econômica e o tema de gênero, somando-se a outros pesquisadores e pesquisadoras que já debatem o tema. Nessa entrevista a Prof^a Dr^a Thais Joi Martins fala sobre o caminho que percorreu até entrar na sociologia econômica, suas vertentes de estudo e suas perspectivas para o futuro da área.

ENTREVISTADORAS – Para começar nossa entrevista, nos conte um pouco sobre sua trajetória acadêmica e de como chegou à sociologia econômica.

THAIS JOI MARTINS (T.J.M.) – A minha trajetória não foi nada linear. Diria que sou uma *outsider* que foi acolhida pelos estudiosos da sociologia econômica, e acredito ser esse o diferencial desta área: A abertura e o diálogo com outros eixos de pesquisa. Primeiramente, me formei como cientista social na Universidade Estadual Paulista - UNESP de Araraquara, que na ocasião, era uma universidade de tendência bastante marxista, por isso eu não consegui me encontrar no início. No segundo ano de graduação conheci o Professor Richard Miskolshi, que me apresentou Pierre Bourdieu em sala de aula e me deu belos puxões de orelha, dizendo que eu deveria saber no mínimo mais uma língua estando na graduação. Esse foi o primeiro divisor de águas. Comecei a ler Bourdieu com bastante intensidade, e, por me afastar dos discursos marxistas, eu me empenhava em me debruçar sobre Durkheim. Sem imaginar, meu caminho já ia se delineando. Comecei a estudar línguas – francês e inglês – impelida pelo professor Miskolshi. No meio da graduação, eu descobri que era uma das únicas alunas que sabia língua francesa, e por isso, consegui pleitear uma vaga para intercâmbio na *Université Charles de Gaule Lille 3*, na França. Lá fiz parte de minha graduação e me debrucei sobre os estudos antropológicos, já que meu orientador, Prof. Dagoberto José Fonseca, me acolhera em seu grupo de estudos sobre questões étnico-raciais. Minhas inquietações sobre o tema racial sempre estiveram ligadas ao meu fenótipo e ao de parte da minha família. Segui estudando o mesmo tema – raça e mercado de trabalho

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Livre Docente do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Araraquara (UNESP, Araraquara, SP, Brasil). ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5715-1430>. E-mail: majardim@fclar.unesp.br.

² Graduanda em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Araraquara (UNESP, Araraquara, SP, Brasil). ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8735-1510>. E-mail: luanadipires@gmail.com.

³ Graduanda em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Araraquara (UNESP, Araraquara, SP, Brasil). ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7121-5146>. E-mail: thaiccaetano2@gmail.com.

– quando passei no mestrado em sociologia na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, orientada pelo Prof. Dr. Valter Roberto Silvério. Não foi um momento fácil, pois o tema que eu estudava me causava inquietações psicológicas constantes. Eu resolvi estudar um tema um pouco controverso: elites negras. Minha família havia passado por um processo de reconversão social intenso e o tema da ascensão e mobilidade social de famílias negras me interessava por isso. Posteriormente, antes de entrar no doutorado, resolvi trabalhar no mercado de trabalho, a fim de descobrir se realmente eu deveria seguir carreira acadêmica (mundo dos egos, dos jogos de poder, que exigiam alinhamento psicológico). Trabalhei dando aulas por 4 anos em colégios e também fazendo pesquisa em uma empresa de estatística em São Carlos - SP. Depois disso, percebi que academia seria meu lugar. Conheci Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Bischoffe – que trabalhava na área de *marketing* – em uma escola em que eu dava aula. Partindo do dilema de estudar profissões, mercado de trabalho e raça, ela me direcionou para conversar com Prof. Dr. Julio Cesar Donadone. Assim começou meu percurso no NESEFI (Núcleo de Estudos em Sociologia Econômica e das Finanças). Foi ali que conheci pessoas muito importantes como Maria Jardim, Roberto Grün e Julio Donadone, entre outros colegas de trabalho, que se tornaram meus amigos. No entanto, acredito que os três últimos foram pessoas muito importantes – segundo divisor de águas – que abriram espaço e condições para que eu pudesse crescer profissionalmente e pessoalmente. Fiz meu doutorado junto ao Programa de Ciência Política da UFSCar, com estágio sanduiche na *Université de Picardie Jules Verne*, em Amiens, orientada pelo professor Frédéric Lebaron. Em seguida ingressei como professora efetiva na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em 2015 e atualmente estou finalizando meu pós-doutorado na *Université Sorbonne*, junto à supervisão do professor Phillipe Steiner.

ENTREVISTADORAS – Podemos dizer que você faz parte da terceira ou da quarta geração de sociólogos da economia no Brasil. Em sua opinião, qual era a agenda da sociologia econômica no início dos anos 1990 e qual é a agenda hoje, nos anos 2020? O que mudou? O que precisa mudar? Enfim, como você vê a chegada de novas gerações no campo da sociologia econômica e as novas agendas?

T.J.M. – A sociologia econômica dos anos 1990 traz uma revisão de autores clássicos, avançando mais na crítica de uma economia ortodoxa (vide Mark Granovetter, Harrison Withe, Bruce Carruthers, Frank Dobbin, Viviana Zelizer) através das noções de redes enraizamento e construção social da economia. Posteriormente consolidam-se outros (Pierre Bourdieu, Luc Boltanski, Michel Callon, Phillipe Steiner, Frédéric Lebaron na França, assim como Donald Mackenzie na Escócia, Rafael Marques em Portugal, Sarah Babb e Marion Fourcade nos Estados Unidos) a partir do desenvolvimento das noções de interesse, convenções, desempenho, trocas, o papel economistas, mercados contestados, finanças, etc. Acredito que a nova sociologia econômica dos anos 1990 sempre teve uma preocupação muito grande em concentrar a sua crítica sobre a economia ortodoxa – um dos objetivos dela era esse – no entanto, se preocupava pouco com uma ação criativa para se pensar sobre novos usos de metodologias e teorias para fazê-la. Acredito que os Sociólogos da Economia se esforçaram muito para explicar o fato de que os indivíduos não vivem unicamente para maximizar suas ações e que as últimas estão repletas de constructos sociais. Acredito que no Brasil chegou o momento de inovar e enfrentar novos desafios. Isso significa extrapolar os objetos de pesquisa, métodos e teorias através dos quais essa sociologia se circunscrevia. Por exemplo, quando fui morar no nordeste, percebi a necessidade de pensarmos outros caminhos para a sociologia econômica. A universidade em que trabalho é uma das mais negras do país. Temos alunos e alunas que são quilombolas, indígenas, de comunidades rurais, filhos e filhas de marisqueiras, de pescadores e de comerciantes locais. Chegar por aqui com temas ligados à financeirização, discutindo mercados, como bolsa de valores e temas voltados para organizações e empresas financeiras foi um equívoco. Discussões comuns atreladas ao eixo Rio – São Paulo – Sul estavam distantes da realidade do nordeste. Os alunos e alunas estavam sedentos por discutir temas mais próximos de suas vidas cotidianas, e esse foi o grande desafio. Tivemos que repensar a sociologia econômica regionalmente. Temos colegas como Marina Sartore, no Sergipe e Marcelo Carneiro, no Maranhão que tem refletido sobre o mesmo percurso. Portanto, acredito que as novas agendas deveriam estar ligadas à vida cotidiana dos indivíduos de acordo com a especificidade regional de cada universidade. Se não pensarmos seriamente sobre isso seremos pesquisadores e professores que construirão monólogos e não relações dialógicas.

ENTREVISTADORAS – Dando continuidade a questão anterior, nos conte como você tem relacionado temas raciais, educação e gênero com a sociologia econômica. Quais são os desafios? Existem muitas pesquisas nessa interface?

T.J.M. – Uma das coisas que tenho feito é tentar incorporar à sociologia econômica a debates de outras áreas e temas, tais como os da área de gênero e raça. Esses são temas caros para as novas gerações dentro das universidades – principalmente pós Governo Lula e Dilma – e por isso não podemos continuar caminhando pela sociologia econômica como se estivéssemos com um cabresto, sem olhar para os lados. Existem poucas pesquisas que fazem essa interface no Brasil. Acredito que estamos no início. Por exemplo, a sociologia econômica lança mão do repertório teórico de Pierre Bourdieu, e, a partir disso, e pela via da sociologia da educação debatida pelo autor, consegui abrir espaço para os estudos de uma economia da educação na UFRB, cujo tema tem sido debatido no grupo em que coordeno, o LASEEE (Laboratório de Sociologia Econômica e Economia da Educação). Tenho investido também nos estudos de segmentação e estratificação dentro desta área e temos referências como as de Keister, Moller, Spilermann, nos anos 2000, na área da sociologia econômica. Este último tema nos permite continuar transitando tanto pelos estudos de elites, como através de estudos de outros estratos sociais como os populares. Outro exemplo são os estudos que interseccionam raça, gênero, e etnia, tais como pesquisas sobre as comunidades quilombolas, sobre o mercado “afro”, sobre trajetórias educativas de mulheres do nordeste, sobre cooperativas locais e a sustentabilidade, sobre o turismo indígena, sobre mulheres empreendedoras da região, sobre o mercado chinês na região nordeste, entre muitos outros. Os desafios são grandes, mas confesso que o fato de ter feito minha formação nas três áreas das ciências sociais e ter trabalhado anteriormente com temáticas de raça e gênero em profundidade, me auxilia a fazer livremente o trânsito entre a sociologia econômica e outras áreas e temas. Acredito ser esse o desafio para os pesquisadores da área, que muitas vezes se debruçaram uma vida toda sobre a sociologia econômica “Hard”. Acredito que os pesquisadores devem estar abertos para fazer o entrelaçamento desta com temas que estão em efervescência atualmente no Brasil e com temas que estão localizados geograficamente e localmente.

ENTREVISTADORAS – Como você vê a crescente presença da tecnologia na sociologia? Como você se relaciona com a pesquisa acadêmica na *internet* ou ferramentas de pesquisa acadêmicas virtuais?

T.J.M. – Acho uma área bastante interessante que merece atenção. No Brasil temos dado pouca atenção aos estudos de Bruno Latour que nos trariam a interface da sociologia econômica com uma sociologia da ciência e da tecnologia. Cabe mencionar os interessantes estudos etnográficos realizados pelo autor em *Salk Institute for Biological Studies*, na Califórnia e posteriormente a partir do livro *Ciência em Ação*. Ele aborda justamente o fato de as pesquisas serem feitas por humanos (cientistas, engenheiros, cidadãos) e por intermédio de não humanos (máquinas, laboratórios, outros meios tecnológicos), demonstra a existência da relação do material com o imaterial, que culmina na tecnociência. A partir dessa reflexão podemos perceber os pormenores de como podemos compreender tanto a ciência como a tecnologia como construções sociais.

Para além da recomendação acima, me relaciono bem com as tecnologias, com o mundo virtual e acho importante que os pesquisadores descubram através desse espaço novas ferramentas metodológicas e técnicas de pesquisa. Eu tenho feito muitas entrevistas a partir das redes sociais e análises de discursos encontrados nas redes. Um exemplo disso é que a minha última pesquisa realizada no Recôncavo Baiano, contou com uma série de entrevistas que foram realizadas pelo *Google Forms* e outras qualitativas que foram realizadas por chats virtuais. Caso não tivesse recorrido a essas ferramentas, eu não teria obtido um número expressivo de entrevistas, pois a maioria dos entrevistados mora em cidades distintas do Recôncavo Baiano. Me lembro do tempo em que tínhamos que realizar entrevistas face a face na graduação. Ou me lembro de no meu doutorado chegar a ponto de quase enlouquecer tendo que fazer a digitação de cerca de 400 questionários respondidos à mão. No entanto, ainda acho importante que em algumas situações possamos recorrer a entrevistas pessoais. Esse foi o caso de minha última pesquisa em Paris. Ao mesmo tempo em que recorri a entrevistas online, também realizei muitas entrevistas em feiras e mercados e em estabelecimentos comerciais alimentares, que me proporcionaram um aprofundamento das análises. Sem esta interação face a face não teria como ter acessado certos agentes e consumidores, como por exemplo, indivíduos de classes populares, imigrantes e idosos na França. Acredito, portanto que as ferramentas virtuais têm nos ajudado muito na pesquisa, mas devemos recorrer também as técnicas que exigem uma relação face a face.

ENTREVISTADORAS – Como você vê os mercados *online* e as novas profissões, como *youtubers* e criadores de conteúdo virtuais através da sociologia econômica? Qual o nível de importância hoje?

T.J.M. – Acho que é um novo espaço de estudos bastante intrigante. Tenho feito etnografias e levantado dados há 4 anos através das redes sociais através de blogueiras e *youtubers* da alimentação saudável. Esse ano materializei o projeto de estudar o mercado da alimentação saudável na França e a parte que cabia aos profissionais virtuais foi somente um dos capítulos de minha tese de pós-doutorado. Acredito ser um espaço interessante para podermos relacioná-lo com os estudos da sociologia econômica e dos novos mercados. A partir dos últimos e dos discursos desses (as) profissionais, conseguimos analisar e compreender as mudanças sociais contemporâneas, a partir das novas tecnologias e como vão se construindo novos campos de trabalho e novas ocupações nesses espaços. São espaços ricos tanto para a atuação da sociologia do trabalho e das profissões quanto para a sociologia econômica. Acredito que podemos fazer análises que interseccionem a sociologia econômica com análises de gênero, por exemplo, (a maior parte das blogueiras e *youtubers* da área da alimentação são mulheres) com recorte de raça (visualizo as blogueiras *mainstream* ou que tem maior destaque sendo brancas) e de classe (habitualmente as blogueiras ora advêm de classes mais altas ora fazem uma reconversão social).

ENTREVISTADORAS – Que temas ainda faltam ser vistos ou explorados mais profundamente pela sociologia econômica?

T.J.M. – Segue na linha do que havia mencionado anteriormente. Acredito que temos uma terceira e quarta geração da Sociologia Econômica espalhando-se pelos quatro cantos do país. Nesse sentido, cabe a esses jovens pesquisadores refletirem sobre as especificidades regionais que os abarcam, para que possamos ter uma sociologia econômica mais brasileira, menos francesa e menos estadunidense. Obviamente não abriremos mão de todo o legado clássico da sociologia, mas temos que nos atentar para o presente e para as discussões e debates brasileiros, a fim de que possamos nos afirmar a partir de uma sociologia econômica “*tupiniquim*”. Podemos destacar alguns exemplos desse fato, como é o caso de Marina Sartore que está se debruçando sobre os estudos do mercado do turismo local, sobre a praia; como Elaine Leite, no sul do país, estudando as fronteiras de consumo entre o Brasil e Uruguai - uma sociologia do desenvolvimento econômico regional -, bem como, o desenvolvimento econômico e economia doméstica; Maria Jardim, em São Paulo, estudando o mercado dos afetos através da sociologia do amor; Silvio Cândido que percorrerá o território da Amazônia para estudar os mercados daquela região; Antônio Pedroso Neto, em Tocantins, que tem se dedicado a estudar a imprensa e desenvolvimento regional, crimes e sistema prisional a partir das elites locais (delegados, políticos); Marcio Rogério da Silva, no Mato Grosso, estudando dentre outros temas, meios digitais e cooperativismo na região de Dourados ou a trajetória dos egressos dos cursos de Engenharia e correlações geoeconômicas; Karina Assis, estudando gênero e *start ups*, ou a sociabilidade dos algoritmos em São Paulo; Martin Mundo Neto estudando a transição agroecológica para agricultura familiar no interior de São Paulo; dentre tantos outros. Particularmente me insiro entre eles, pois tenho me preocupado com temas locais e regionais tais como, estudos sobre gênero e empreendedorismo local, economia da educação e comunidades quilombolas, trajetórias das marisqueiras, pescadores, comerciantes locais, o mercado dos charutos de luxo, o mercado dos licores, o mercado junino, mercado *afro*, mercados *queers*, especificidades das comunidades locais e os mercados sustentáveis. Acho que com esses exemplos conseguimos ter ideia de que conseguimos avançar em nossos estudos a partir de temas originais e contemporâneos.

ENTREVISTADORAS – Sabemos que o campo acadêmico é predominantemente masculino. Como você vê o campo da sociologia econômica em relação ao gênero? Qual o espaço das mulheres na sociologia econômica do Brasil? Como é ser mulher nesse espaço?

T.J.M. – Essa questão é interessante, pois desde quando entrei no NESEFI percebia que a maior parte das pessoas engajadas no grupo eram pesquisadoras mulheres estudando temas predominantemente masculinos, como os da sociologia das finanças e sobre os usos sociais da economia. Ou seja, éramos mulheres desbravando um campo de discussão e debates masculinos. Depois de algum tempo isso mudou e cheguei a ver mais homens adentrando esse espaço em nosso grupo. No Brasil acredito que exista um equilíbrio entre homens e mulheres atuando nesse campo. No exterior vejo mais homens, são sempre eles que nos orientam e supervisionam

nas instituições universitárias. Mas algo que me intriga bastante é o fato de termos uma parte considerável de mulheres nessa área e poucas discutindo questões de gênero e sexualidade, a partir de nossos objetos de pesquisa. No Brasil tenho visto algumas desbravadoras na área, tais como Maria Jardim, Karina Assis, Márcia Mazon. Tenho orientado trabalhos com este tema, tais como, análises sobre a violência simbólica vivenciada por estudantes do Recôncavo Baiano, violência doméstica e organizações de controle, trajetória de estudantes egressas do curso de engenharia, feminismo e serviço social, entre outras. Mas ainda acho que não temos a real dimensão do quanto a sociologia econômica é um espaço androcêntrico, em que predomina uma certa dominação masculina e de que o agente racionalizador e maximizador tão criticado pela mesma é sempre masculino. Ao passo que a mulher ocupa sempre o espaço dos afetos e do cuidado. Acho importante que nos debruçemos sobre esta área e acredito que dentro de alguns anos teremos novas produções no Brasil dentro da área de sociologia econômica e gênero.

ENTREVISTADORAS – Tem-se discutido sobre limites teóricos- metodológicos da sociologia econômica. Alguns autores defendem que essa disciplina também se tornou *mainstream*, o que reduziria o poder de sua crítica. Como você vê esse debate?

T.J.M. – Acredito que as minhas respostas anteriores acabam respondendo esta questão. Quando falo sobre a necessidade de se reinventar a sociologia econômica a partir de novos métodos e teorias, debates e discussões temáticas é esse o tom que busquei discutir nas demais perguntas. Acredito que caso a sociologia econômica não se reinvente e fique presa aos debates dos anos 1990, ela com certeza perderá seu poder de crítica. Esse fato não está relacionado somente à sociologia econômica, mas a outras áreas de pesquisa que pecam na reprodução das teorias, métodos e discursos e não usam o potencial humano criativo para reinventar a ciência. O mundo muda, se transforma constantemente, e se a sociologia não caminha através da mudança e do dinamismo do mundo, estamos fadados a repetição sem diferença (usando aqui o jargão da tese de Gilles Deleuze ao inverso).